

O inabalável Stephen Tripp
é o cérebro que guia
a mão auxiliadora que a América
estende a outras nações
nas horas de calamidade

O Sr. Catástrofe

Condensado de
CONTEMPORARY
IRWIN ROSS



Stephen R. Tripp

EM 21 DE FEVEREIRO dêste ano chegou à mesa de Stephen R. Tripp um telegrama que dava notícia de uma epidemia de peste bubônica na região central de Java. Tripp é o Coordenador norte-americano de Socorros a Calamidades para todos os países estrangeiros. Crises não são novidade para êle—seus dias de trabalho são repletos de boletins sôbre inundações, tufões, terremotos e epidemias. Mas, quando Tripp viu a expressão “peste bubônica”, sua atenção despertou.

A peste bubônica devastou a Europa na Idade Média. Em 1911, dezenas de milhares de indonésios foram mortos por ela. Propagada por pulgas, que primeiro infectam ratos e depois sêres humanos, a peste mata em duas semanas numa proporção de 25% a 50% dos casos sem tratamento. Agora, dezenas de javaneses estavam morrendo da peste e tinham sido encontrados quatro casos da forma pneumônica altamente con-

tagiosa da doença. Quando não são tratadas, as vítimas da peste pneumônica raramente se recuperam. Se a epidemia atingisse as cidades de Java com portos de mar, o país se veria diante da paralisia econômica, porque os navios estrangeiros se recusariam a atracar com receio da contaminação.

As autoridades indonésias tinham começado a combater a epidemia, mas os seus recursos eram limitados. Poderiam os Estados Unidos ajudar?

Tripp pegou no telefone. Nos dois dias seguintes, falou repetidamente com o Dr. David J. Sencer, diretor do Centro Nacional de Doenças Transmissíveis do Serviço de Saúde Pública dos Estados Unidos. Em 27 de fevereiro—seis dias apenas depois do telegrama inicial—uma equipe médica de sete homens, completamente equipada, estava em ação em 10 remotas aldeias das montanhas de Java. Todas as casas num raio de 200 metros de cada caso de peste verificado foram pulverizadas com DDT, como o foram as estradas e todos os caminhões carregados que saíam da área. Organizou-se um programa intensivo de matança de ratos e 42 693 pessoas foram vacinadas—82% da população da área infectada. No fim de março, a epidemia estava dominada. Houvera apenas 40 casos fatais. A operação custara ao Governo dos Estados Unidos apenas 100 000 dólares.

Ajudar as vítimas de catástrofes no exterior é uma tradição que data de 1812, quando o Congresso ame-

ricano aprovou uma verba de 50 000 dólares para assistência aos sobreviventes de um terremoto na Venezuela. Até há quatro anos, porém, não havia um órgão permanente para coordenar as atividades de socorro externo. A improvisação resultava às vezes em confusão, atrasos e despesas desnecessariamente altas. Por exemplo, em 1963, depois que um terremoto arrasou a cidade de Skopje, na Iugoslávia, as forças militares americanas na Europa mandaram a toda pressa material para o local sem o necessário exame daquilo que era necessário. Outros países fizeram o mesmo, verificando-se inevitavelmente desperdício e duplicações. Para evitar a reprodução dessa espécie de confusão, a Agência de Desenvolvimento Internacional (AID)—que trata de toda a assistência econômica externa—criou, em janeiro de 1964, a Coordenação de Socorros a Calamidades, nomeando Tripp, funcionário veterano da AID, para chefiá-la. Sua missão: socorro ao sofrimento humano em todos os países, independentemente da côr política.

Nos seus primeiros quatro anos no cargo, Tripp tratou de 215 catástrofes em 78 países, as quais tiraram a vida de mais de 75 000 pessoas. Só a Mongólia Exterior recusou ajuda.

Tripp, que tem agora 57 anos, é magro, impecavelmente vestido e impressionantemente inabalável. Enquanto os telefones tocam e os telegramas se empilham em torno dele, nunca perde o equilíbrio nem o bom

humor. Tripp, que alguns amigos chamam agora "Sr. Catástrofe", aprendeu a viver com um trabalho que nunca cessa.

—Mantemos um plantão de 24 horas por dia, sete dias na semana— diz êle.—Há inevitavelmente um ou mais obstáculos decepcionantes em cada emergência e isso exige uma avalanche de telefonemas, uma torrente de telegramas e mudanças sucessivas de planos e horários.

Seu pôsto de comando é um conjunto de quatro salas pertinho da Casa Branca. Sua equipe tem seis funcionários. Na sua sala de operações, um teletipo bate intermitentemente boletins sôbre furacões, tufões, terremotos e maremotos através do mundo. Colocados em estantes ao longo de uma parede da sala, há grandes cartazes que mostram as calamidades em que Tripp e o seu pessoal estão no momento trabalhando, juntamente com as providências tomadas. Em fins de julho dêste ano, por exemplo, estavam tratando de inundações no Paquistão Oriental, em Gana e no Iraque, uma epidemia de sarampo na República Malgaxe, refugiados na Jordânia, um surto de poliomielite na Turquia, terremoto e sêca no Peru, uma erupção vulcânica em Costa Rica e da desesperada necessidade de víveres e medicamentos resultante da guerra civil Nigéria-Biafra.

Quando Tripp recebe informações sôbre uma nova catástrofe—pelo teletipo ou por telegrama de uma embaixada americana—trans-

mite imediatamente um Alerta de Calamidade a cêrca de 100 indivíduos no govêrno e em serviços particulares. A quantidade e a natureza da ajuda fornecida depende inicialmente da opinião do embaixador no país atingido—em relação tanto à gravidade da situação como ao grau em que o país vitimado pode ajudar-se a si mesmo. Quando só há necessidade de um auxílio modesto, o embaixador tem permissão de contribuir a seu critério com uma quantia que pode ir até 25 000 dólares. Pode empregar parte dêsse auxílio para conseguir socorro das instalações militares americanas mais próximas. Quando há necessidade de maiores despesas, apela para Tripp.

Tripp funciona por meio de uma rêde de contatos nas fôrças armadas, no Serviço de Saúde Pública, casas de equipamento médico, laboratórios farmacêuticos e em organizações de caridade particulares. Estas últimas quase sempre se encarregam da distribuição dos socorros no local da catástrofe e fazem também suas próprias contribuições.

Na sua maioria, as calamidades de que Tripp trata ocorrem de repente e reclamam pronta assistência.

Durante as grandes enchentes de janeiro de 1966, a Guanabara e o Estado do Rio ficaram sob a ameaça de epidemias. As fôrças de Tripp entraram ràpidamente em ação. Mais de três milhões de doses de vacinas, a um custo de 50 000 dólares, foram administradas em menos de 20 dias pela Coordenação de Socorros a Ca-

lamidades. Entre o material doado por laboratórios particulares e adquirido pela CSC, foram enviados para a área atingida 20 injetores a jato, um milhão de doses de vacina antitífica, um milhão de tabletes de iodina para esterilização da água, 60 000 cápsulas de cloromicetina, 200 000 de tetraciclina, 100 000 de sulfadiazina, 100 000 de sulfamerizina e 50 000 seringas. A pedido do Ministério da Saúde, dois médicos americanos orientaram a vacinação em massa.

Entre o fim de agosto e o começo de setembro deste ano, os mais terríveis terremotos da história do Oriente Médio devastaram quase 2 000 quilômetros quadrados na região leste do Irã, causando cerca de 14 000 mortes e deixando ao desabrigo entre 75 000 e 100 000 pessoas. Depois de entregar mais de 25 000 dólares em equipamento médico de urgência às turmas de socorro rapidamente improvisadas, o embaixador americano Armin H. Meyer entrou em contato com o serviço de Tripp em Washington. Helicópteros militares baseados na região imediatamente seguiram para o local, transportando mais equipamento e pessoal especializado e socorrendo vítimas. A fim de enfrentar a desesperada necessidade de abrigo para os que haviam perdido suas casas, o serviço de Tripp enviou para o Irã barracas no valor de 355 000 dólares, e cobertores no valor de 40 000 dólares. Tripp pôs para funcionar o Serviço de Pesquisas Geológicas norte-americano, e o especialista John Reinemund voou

para o Irã a fim de analisar as causas da catástrofe. O serviço de Tripp convocou a ajuda da Cruz Vermelha, CARE e agências de socorro das igrejas católica e protestante. Dinheiro, leite, roupas quentes para crianças, sêro e mais material médico foram sendo reunidos num programa coordenado de ajuda eficiente do qual participaram mais de 30 países além dos Estados Unidos.

Steve Tripp começou a sua carreira de funcionário em 1931, quando conseguiu um lugar de estenógrafo no Parque Nacional de Yosemite, na Califórnia. A sua habilidade de taquígrafo ainda é de muito valor, pois ele freqüentemente a usa para anotar as comunicações que recebe pelo telefone. Tripp foi sendo promovido, graças ao seu trabalho, aos postos de secretário, assistente administrativo e funcionário do pessoal no Departamento do Interior. Em 1956, ingressou na AID e trabalhou na Índia e na Colômbia. Em 1964, quando passou a ser Coordenador de Socorros a Calamidades, conhecia por dentro e por fora a máquina administrativa.

—Sua atuação é espetacular—diz William S. Gaud, Administrador da AID.—É rápido, sensível e sabe pôr as coisas em marcha.

Samuel Krakow, diretor dos Serviços Internacionais da Cruz Vermelha Americana, declara categoricamente que “Steve é a pessoa de quem todos dependem neste campo. Ele conseguiu impor ordem ao caos do socorro internacional”.